

Hugo de Azevedo

# O Santo do dia a dia

*Biografia de São Josemaria Escrivá  
Fundador do Opus Dei*



## I - O CHAMAMENTO DIVINO

---

Quando passava por Coimbra, São Josemaria gostava de subir ao Mosteiro de Santa Clara para cumprimentar, no seu túmulo de prata, a Rainha Santa, sua conterrânea: Santa Isabel de Aragão, como nós a apelidamos, ou Santa Isabel de Portugal, como é chamada em Espanha. Tinha por ela uma devoção muito familiar, nascida da sua grande fé na Comunhão dos Santos, do seu entranhado amor ao nosso país e do amor arreigado que devotava também a Aragão, sua terra de origem.

Aragonês de nascimento por linha paterna e materna, era-o igualmente por modo de ser, simples, direto e cordial: e a esta nobreza de temperamento acrescentava a da boa educação recebida de seus pais. Na verdade, tanto o pai, José Escrivá y Corzán, como a mãe, María de los Dolores Albás y Blanc, eram dotados de profundas virtudes cristãs, bem provadas ao longo da vida de ambos.

O lar que formaram em 1898, ele com trinta anos e ela com vinte, não se distinguiu, porém, como centro de vida de sociedade; era o lar normal de uma família cristã de classe média, aberto às amizades várias que a vida ia fazendo brotar e que eles cultivavam com gosto e delicadeza, sem prejuízo da sua intimidade.

Viviam em Barbastro, pequena cidade animada pelo comércio, mas dotada de velha história, que dela fizera – como é ainda hoje – sede diocesana e centro administrativo. O pai era sócio e cogente de uma empresa que explorava, num mesmo estabelecimento, dois ramos: a fabricação de chocolate e o comércio de fazendas. Ambos os negócios eram compensadores e o património familiar, particularmente em terras, também era considerável. E assim, com o trabalho

de D. José (para utilizarmos o tratamento comum em Espanha) e o rendimento das propriedades, a família Escrivá vivia bem.

Moravam em casa espaçosa no centro da cidade, e aí foram nascendo os cinco primeiros filhos.

Em 1899 nasceu Carmen – María del Carmen. Em janeiro de 1902, no dia 9, o José María, que, por ter vindo à luz nesse dia, de São Julião, se veio a chamar também Julián, e, por atenção ao padrinho, Mariano: José María Julián Mariano.

Os dois primeiros nomes, especialmente o de José, gozavam de tradição familiar: José María fora o nome de um bisavô paterno, médico em Fonz; José, o do seu avô na mesma linha; José, o de seu pai; Josefa, uma tia; José María, um tio-avô por linha materna, Bispo de Ávila em seu tempo. Como o Fundador do Opus Dei passou mais tarde a unir num só esses dois nomes, por devoção à Sagrada Família, assim o fazemos desde já.

Josemaria foi batizado quatro dias depois do nascimento, a 13 de janeiro, portanto; e, poucos meses decorridos, a 23 de abril, recebeu a Confirmação. Não era raro então recebê-la tão cedo.

A proteção de Maria far-se-ia notar muito em breve sobre ele. Tem Josemaria dois anos quando adoece gravemente, sem que os médicos lhe possam dar remédio. Certa noite prognosticam-lhe a morte dentro de poucas horas. Mas os pais, que rezam intensamente pela sua cura, não desistem, e recorrem ainda mais à Virgem Santíssima; e D. Dolores promete ir em peregrinação, com o marido e o filho, à Ermida de Nossa Senhora de Torreciudad, nos altos penhascos que bordejam o rio Cinca, santuário relativamente distante de Barbastro, mas de grande devoção naquela zona.

Nessa mesma noite os sintomas vão desaparecendo, e de manhã, quando o Dr. Camps, disposto a passar a certidão de óbito, lhes bate à porta e pergunta tristemente a que horas faleceu o menino, recebe uma alegre resposta: «Não só não morreu, mas está de perfeita saúde!». Entra o bom médico em casa e verifica, surpreendido, que realmente o pequeno Josemaria está bem vivo, aos pulos, agarrando com

energia as ripas do berço e falando com animação. «E desde então» – comentava ele mesmo, divertido, algumas vezes – «nunca mais me calei». Com o seu bom humor característico, referia-se com certeza ao seu temperamento comunicativo e à sua paixão por dar doutrina.

Passado algum tempo, quando Josemaria convalesce, os pais levam-no, de facto, a Torreciudad: até à povoação de El Grado, com a relativa comodidade dos meios de transporte da época; depois, ao colo da mãe, assustada, sobre a mula que os faz subir pelas escarpas montanhosas.

Aquele menino havia de mostrar a sua gratidão por tão grande favor da Virgem, fazendo construir, sessenta anos mais tarde, o belo santuário que hoje se ergue junto da antiga ermida de Torreciudad.

A infância de Josemaria decorre entre Barbastro e a vila de Fonz, terra natal do pai, onde veraneia habitualmente a família. Em Fonz, com os seus velhos solares brasonados e as ruínas do castelo árabe de Forza, vivem nessa época a sua avó Constança, o tio Padre Teodoro e a tia Josefa.

Contava o menino três anos quando veio ao mundo a segunda irmã, María Asunción. A pequenina recém-nascida (a *Chon*, como lhe chamam familiarmente) representa para ele a mais alegre novidade. A irmãzinha encanta-o e será a sua preferida naqueles anos.

Nessa altura também começa a frequentar um infantário, juntamente com a irmã mais velha, Carmen. E nesse infantário, dirigido pelas Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, passará muitas horas do seu dia até aos sete anos de idade. Como é natural, porém, o ambiente alegre e carinhoso do seu lar é que imprimirá nele os sentimentos mais profundos e lhe suscitará depois as recordações mais queridas. As primeiras orações, os conselhos maternos, os breves dramas infantis, os petiscos saborosos e as histórias contadas pelas boas criadas, as visitas aborrecidas, os jogos e as brincadeiras com os seus amiguinhos, os brilhantes dias de festa – tudo vai compondo nele o tecido normal de uma infância equilibrada.

Entretanto, quando já vai pelos cinco anos, nasce outra irmãzinha, que recebe o nome da mãe, María de los Dolores, *Lolita*.

A formação espiritual de Josemaria cresce igualmente com toda a normalidade, acompanhando o seu desenvolvimento físico e mental: as orações aprendidas dos lábios da mãe e do pai, as visitas à igreja, a assistência à Santa Missa, as perguntas e respostas em família, o exemplo vivo e constante da fé e da piedade dos seus pais, as festas religiosas (como a de Santa Ana, mesmo diante de sua casa, na Praça do Mercado), o Terço diário em família ou com a Bênção e a Salve-Rainha, aos sábados, na Igreja de São Bartolomeu.

Desde muito cedo penetraram na sua alma o amor à Humanidade de Cristo, à Sagrada Eucaristia e à Santíssima Virgem: desde aqueles tenros anos em que lá em casa se montava o presépio e o pai saía à procura do tradicional musgo; desde aquele tempo gélido de Natal, em que a mãe o abrigava do frio com um gorro de orelheiras e luvas sem pontas para assistir às três Missas do Galo na catedral, com a sua Capela de Cristo dos Milagres, onde se haviam casado os pais, e a Capela da Dormição da Virgem, que ele tantas vezes contemplou, comovido.

Entre os seis e os sete anos, D. Dolores prepara-o para a primeira Confissão. E leva-o ao seu confessor habitual, o Pe. Enrique Labrador.

A São Josemaria sempre lhe agradou recordar esse dia, marcado pela enorme alegria que sentiu e pela pitoresca penitência que lhe impôs o bom sacerdote: comer um ovo estrelado! O Pe. Enrique quisera deixar-lhe uma lembrança agradável da primeira Confissão e escolhera decerto um pitéu que apreciava, ao que achou imensa graça D. Dolores. Ainda se fosse uma guloseima!

A alegria e o bom humor eram património familiar. Naquela casa sabia-se rir sem faltar à caridade. Realmente, se algo de particular houvesse que distinguir no lar dos Escrivá, talvez fosse a serenidade amável dos pais, que os filhos nunca viram discutir, e uma alegria contagiosa, que atraía amizade. São Josemaria, nomeadamente, herdara esse talento desde muito moço. Do que ele não gostava era de fotografias, visitas e fatos novos. Até debaixo da cama se enfiava para fugir aos olhares das amigas da mamã. E lá de baixo acabava sempre por ver a ponteira de uma bengala com que

a mãe dava umas pancaditas no soalho para obrigá-lo a sair do esconderijo, ao mesmo tempo que o repreendia: «Josemaria! Vergonha, só para pecar!».

Mas não era só a vergonha que o levava a escapar das visitantes; era também a compreensível fuga às beijocas molestas com roçar de buço ou aroma a maquiagem, como a daquela senhora tão «estucada», que D. Dolores tinha de recomendar aos filhos que não a fizessem rir... porque se «descascava» toda!

Em 1909, tendo Josemaria feito já os sete anos, nasce a quarta irmã, Rosário. Neste período sem sobressaltos, é fácil imaginar a vida da casa, cada vez mais animada pela algazarra das crianças e pelo trabalho crescente de D. Dolores e das empregadas. Em outubro desse ano Josemaria já não volta ao infantário; começa a instrução primária num colégio orientado por religiosos das Escolas Pias, ou Escolápios, como são conhecidos.

A partir de 1910, Deus principia a abençoar a família Escrivá com a cruz. Aos oito anos de Josemaria, terminado o primeiro ano letivo, *Rosarito*, a irmãzita mais nova, apenas com um ano de idade, adoece e morre.

Foi no dia 11 de julho. Josemaria, com a mãe e as outras irmãs, acompanhou durante um breve trecho o pequeno esquife branco. Só o pai, segundo o costume, foi até ao cemitério, juntamente com os amigos da família.

Em agosto, o Santo Padre Pio X promulga um documento pelo qual o Fundador do Opus Dei se considerou sempre muito grato; o decreto *Quam Singulari*, permitindo administrar a Sagrada Comunhão aos meninos desde a idade da razão. Anteriormente só era de uso consentir a Primeira Comunhão na adolescência avançada.

Os pais de Josemaria preparam-no cuidadosamente para o grande sacramento durante o segundo ano escolar – de 1910 a 1911 –, assim como a irmã mais velha, Carmen, que passa dos onze para os doze anos. No colégio dos Escolápios é o Pe. Manuel Laborda

– bondoso sacerdote conhecido por Padre Manolé – quem o ajuda a preparar-se de alma e coração para tão importante acontecimento interior.

Do Padre Manolé aprendeu então uma fórmula de comunhão espiritual que nunca mais esqueceu e que transmitiu, depois de se ordenar, aos que se dirigiam com ele: «Eu quisera, Senhor, receber-Vos com aquela pureza, humildade e devoção com que Vos recebeu Vossa Santíssima Mãe: com o espírito e o fervor dos Santos».

Facto interessante a registar na vida do Fundador é a perseverança nas suas devoções, algumas das quais, como esta, surgidas numa época da vida tão sujeita ao esquecimento; de onde se pode deduzir a grande consciência e a seriedade com que as viveu desde o princípio, sem que nisso intervesse qualquer pendor para a vida religiosa ou eclesiástica.

Vencido mais um ano escolar e decorrido mais um verão em Fonz, volta ao colégio. Chegamos a 1912. Josemaria, com dez anos, receberá a Sagrada Comunhão no dia de São Jorge, 23 de abril, como era tradicional no Alto Aragão. Nessa festa de profunda alegria para ele e para os pais, um episódio fica a marcar a quase constante companhia da cruz na sua vida a partir dos oito anos, e, ao mesmo tempo, um aspeto relevante do seu carácter.

O cabeleireiro que lhe frisou o cabelo na véspera (pois era de praxe cuidar assim o penteado em ocasiões festivas) tocou-lhe com as tenazes quentes no couro cabeludo. O menino cerra os dentes. Não solta um gemido. Não quer fazer sofrer o artista nem incomodar os pais. E é com o ardor da chaga, escondida entre os cacóis de festa, que recebe no dia seguinte pela primeira vez Jesus Sacramentado. Parece uma antecipação do espírito que mais tarde estenderia por todo o mundo: o ascetismo sorridente; o sacrifício escondido e silencioso; o rosto alegre cobrindo a real mortificação, por amor de Deus e dos homens.

Aí se manifesta também uma elegância de carácter e uma firmeza de temperamento que não deixará de aumentar ao longo do tempo. Não se tratou, efetivamente, de um episódio isolado. Outros

se vieram a conhecer, como foi, por exemplo, o da mordedura de um cão. Ferido e a sangrar, deseja logo correr para casa, como qualquer outra criança; mas, ao pensar na aflição que terá a mãe, resolve passar antes por casa do tio Maurício, irmão de D. Dolores, que mora numa rua próxima. Só depois se apresenta à mãe, já tratado e sorridente.

Dificuldades surgem, entretanto, na firma Juncosa y Escrivá, de que é sócio o pai. Todavia, isto não se reflete diretamente no ambiente do lar. Os pais evitam perturbar a Carmen e o Josemaria, que já seriam capazes de se preocupar com o problema. *Chon* tem apenas seis anos e *Lolita* cinco.

Mas eis que uma dor mais aguda vem magoar a família: quase rigorosamente um ano após o falecimento da *Rosarito*, a 10 do mês de julho de 1912, morre a *Lolita*!

O que terá significado para ele este segundo falecimento de uma irmã talvez seja mais fácil imaginar do que exprimir, tendo em conta a sua forte afetividade e a sua precoce inteligência, que o leva a procurar o sentido profundo dos acontecimentos. E parece perceber naqueles factos dolorosos uma intervenção muito pessoal de Deus na sua vida. É o que revela, decerto, um gesto seu que impressionou vivamente uns meninos mais novos que ele entretinha levantando um alto castelo de cartas. De repente, com um tabefe, lança tudo ao chão! Os amiguinhos protestam. E ele explica: «Isto é o que faz Deus com as pessoas: constroem um castelo, e, quando está quase terminado, Deus deita-o abaixo».

Josemaria já é um homenzinho. Acaba de completar a instrução primária e de fazer o exame de admissão ao ensino secundário no liceu de Huesca. Ali havia sofrido o choque das conversas grosseiras dos colegas de camarata. Atormentado por esse motivo, adormecera com o terço entre as mãos, enquanto pedia perdão a Deus pelos companheiros.

Corre o tempo, e um outro ano letivo – o primeiro do ensino secundário – termina com normalidade e bom aproveitamento. Continua a frequentar o colégio dos Escolápios e volta a sair de